

**A companhia Salviati-Da Colle e o comércio de panos de seda florentinos em Lisboa no século XV**  
**The Salviati-Da Colle company and the Florentine silks trade in Lisbon in the 15th century**

Joana SEQUEIRA

CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa,  
Universidade dos Açores; CITCEM, Universidade do Porto

[jsequeira@letras.up.pt](mailto:jsequeira@letras.up.pt)

Recibido: 28/02/2015

Aceptado: 20/03/2015

**Resumo.** Os agentes da companhia Salviati-Da Colle estão presentes em Lisboa desde 1462, dinamizando uma intensa actividade de importação e exportação. Os panos de seda italianos eram uma das principais mercadorias transaccionadas. Com base num registo de uma extensa conta de venda de panos de seda de 1464-65, analisam-se os tipos de tecidos, as suas cores, preços e os respectivos clientes, constituídos na sua maior parte por nobres e mercadores judeus. O objectivo é o de identificar algumas das tendências de consumo da Corte portuguesa e os mecanismos de acção comercial utilizados por esta companhia no mercado lisboeta.

**Palavras-chave:** Comércio, consumo, Itália, judeu, têxtil.

**Abstract:** The agents of the Salviati-Da Colle company arrived in Lisbon in 1462, where they developed an intense import and export activity. Italian silk fabrics were one of the most transacted products. This article examines a long bill of fabric silks trade from 1464-65 that provide information about the types of fabrics, colours, prices and the buyers, who were mainly nobles and Jewish merchants. The purpose is to identify the consumption patterns of the Portuguese Court and the commercial mechanisms used by this company in the Lisbon market.

**Key Words:** Trade, consumption, Italy, Jewish, textile.

**Sumário:** 1. A comunidade italiana em Lisboa no século XV. 2. Os Salviati-Da Colle. 3. Uma operação de venda de panos de seda (1464-65). 4. Tipos de tecidos e cores. 5. Clientes. 6. Conclusões. Fontes e Bibliografia.

\* \* \*

## **1. A comunidade italiana em Lisboa no século XV**

Em 1338, D. Afonso IV concede uma carta de segurança aos agentes da companhia Bardi e a todos os mercadores florentinos estantes em Portugal. Para além de assegurar a defesa dos seus bens, concedia-lhes o privilégio de entrarem e saírem livremente do reino e de elegerem um cônsul para julgar os seus pleitos<sup>1</sup>. Assim se constituía oficialmente uma colónia florentina na cidade, que haveria de crescer em número e importância ao longo dos séculos XIV e XV.

Para estes mercadores, Lisboa funcionava como praça de escoamento das manufacturas italianas, mas também como plataforma de abastecimento de géneros alimentares e de matérias-primas. Em 1339, Bartolomeo Manni, nas

---

<sup>1</sup> ALESSANDRINI, Nunziatella, 2003, “A comunidade florentina em Lisboa (1481-1557)”, *Clio*, Nova série, vol. IX, p. 63-64.

cartas que enviava às filiais da companhia de Francesco Datini, descrevia as mercadorias que se podiam encontrar em Portugal: couros, sal, azeite, mel e sardinhas<sup>2</sup>. A estas mercadorias, juntar-se-iam, no século XV, a grã (*kermes vermilio*), o açúcar, os escravos, o marfim e a malagueta<sup>3</sup>.

Quando pensamos nos principais centros exportadores de têxteis para Portugal, ocorrem-nos nomes como Inglaterra ou Flandres como os mais importantes, seguidos de outros centros localizados na Normandia, na Bretanha e também em Castela e Aragão<sup>4</sup>. Os italianos surgem-nos quase só na condição de fornecedores de tecidos de luxo, em particular de panos de seda. Na verdade, são eles que detêm praticamente o exclusivo do seu comércio em Portugal<sup>5</sup>.

A partir século XIII, florentinos, genoveses, lombardos, milaneses, venezianos e prazentis começaram a chegar a Lisboa, onde puderam disfrutar de uma série de privilégios que foram alcançando junto da Coroa e que lhes permitiam defender os seus fortes interesses económicos<sup>6</sup>. Esta condição colocá-los-ia na linha da frente no momento em que a empresa expansionista portuguesa começou a dar os primeiros lucros. Quando, em meados do século XV, os agentes da companhia Salviati-Da Colle encetam os primeiros contactos com o mercado português, encontram uma comunidade de italianos já perfeitamente instalada no reino.

## 2. Os Salviati-Da Colle<sup>7</sup>

A companhia Salviati-Da Colle não era florentina, mas sim pisana. Na verdade, os seus sócios eram originários da região de Colle di Val d'Elsa (Toscana), onde eram proprietários de unidades de produção de papel. Datam de 1445 os primeiros registos da sua actividade comercial em Pisa, sob o comando dos irmãos Iacopo e Giovanni da Colle. Inicialmente, os seus negócios eram centrados na exportação de papel para várias praças europeias e para o Norte de África, mas pouco a pouco foram acedendo às grandes vias do comércio internacional e dedicaram-se ao tráfico de outras mercadorias<sup>8</sup>.

---

<sup>2</sup> RAU, Virgínia, 1962-63, “Cartas de Lisboa no Arquivo Datini de Prato”, *Estudos Italianos em Portugal*, nº 21-22, p. 8.

<sup>3</sup> D'ARIENZO, Luisa, 2003, *La presenza degli italiani in Portogallo al tempo di Colombo*, Roma, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, p. 509-590. TOGNETTI, Sergio, 1999, *Il Banco Cambini. Affari e mercati di una compagnia mercantile-bancaria nella Firenze del XV secolo*, Florença, Leo S. Olschki Editore, *passim*.

<sup>4</sup> FERREIRA, Ana Maria, 1983, *A importação e o comércio têxtil em Portugal no século XV (1385 a 1481)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 29-48.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 44-46.

<sup>6</sup> D'ARIENZO 2003: 509-590.

<sup>7</sup> O estudo sobre a presença da companhia Salviati em Lisboa é financiado por uma bolsa individual de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH / BPD / 84077 / 2012) e insere-se no projecto internacional ENPrESA (Entreprise, Négoce et Production en Europe (XVe- XVIe siècles). Les compagnies Salviati), apoiado pela Agence Nationale de la Recherche (2013-2016) e dirigido por Mathieu Arnoux.

<sup>8</sup> BERTI, Marcello, 1994, “Le aziende Da Colle: una finestra sulle relazioni commerciali tra la Toscana ed il Portogallo a metà del quattrocento”, in *Toscana e Portogallo: miscellanea storica nel 650° anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Pisa, Edizioni ETS, p. 57-106.

Em 1450, estabeleceram o primeiro contacto comercial com Portugal, ao participar num negócio de exportação de sedas florentinas, em conjunto com Turpe de'Vivaldi e Marco Lomellini de Lisboa, e a companhia de Filippo Renieri e Piero Neretti de Pisa. As duas companhias pisanas serviam-se assim de correspondentes italianos em Lisboa para realizar a venda. Depois de, em 1452, os irmãos terem dividido os seus bens e de Giovanni ter abandonado a companhia, os negócios haveriam de continuar sob a direcção de Iacopo e dos seus filhos (Michele di Lippo da Colle e Girolamo di Lippo da Colle). As relações com Portugal intensificaram-se: o papel e os panos de seda constituíam o essencial das mercadorias enviadas de Pisa a Lisboa, enquanto os couros portugueses e irlandeses, a grã (*kermes vermilio*), o sal e o sebo seguiam no sentido inverso. Todas estas operações eram feitas através de correspondentes italianos estantes em Portugal<sup>9</sup>. Uma situação que se alterou a partir do dia 1 de Fevereiro de 1462, data em que Michele da Colle chega a Lisboa e inaugura um ramo da filial na cidade portuguesa<sup>10</sup>. Era prática habitual os jovens aprendizes do ofício de mercador serem enviados a fazer uma espécie de estágio num país estrangeiro durante alguns anos para aperfeiçoarem a prática mercantil, regressando depois à sua pátria para dirigir os negócios familiares<sup>11</sup>. Michele, no entanto, não ficou muito tempo sozinho. Dois ou três anos mais tarde, o seu pai Iacopo junta-se-lhe em Lisboa e ambos passam a comandar a filial lisboeta, enquanto Girolamo, irmão de Michele, fica a dirigir as operações em Pisa. Em 1475, temos notícia de que Michele regressara a Itália, e que entretanto o seu pai Iacopo tinha falecido em Portugal<sup>12</sup>. Terminavam assim 13 anos de actividade contínua na praça lisboeta.

Os Salviati-Da Colle constituíam uma empresa familiar de média dimensão, que estava integrada no grande grupo Salviati, do qual se conversam ainda hoje centenas de livros de contas dos séculos XIV a XVIII, depositados num arquivo próprio nas instalações da Scuola Normale Superiore de Pisa<sup>13</sup>. O que torna o exemplo da companhia Salviati-Da Colle único na história da presença italiana em Portugal é precisamente o facto de parte dos seus livros de contabilidade terem sobrevivido e de alguns deles pertencerem à filial portuguesa, tendo sido redigidos em Lisboa. Dispomos assim de uma perspectiva directa sobre as transações comerciais, realizadas em moeda local (real), com a anotação detalhada de fornecedores e clientes portugueses e informações sobre os trajectos e as despesas de transporte das mercadorias. Muitos destes dados não seriam

---

<sup>9</sup> *Ibidem*.

<sup>10</sup> Archivio Salviati (Scuola Normale Superiore di Pisa), *Serie I-Libri di Commercio*, reg. 7.

<sup>11</sup> TOGNETTI, Sergio, 2013, *I Gondi di Lione. Una banca d'affari fiorentina nella Francia del primo Cinquecento*, Florença, Leo S. Olschki Editore, p. 15.

<sup>12</sup> BERTI 1994: 98-104.

<sup>13</sup> Iacopo da Colle era também sócio da companhia Neroni-Salviati, de Pisa, o que explica a sua ligação ao grupo Salviati (Archivio Salviati (SNS), *Serie I-Libri di commercio* reg. 22, c. 44). Depois de encerrada a actividade da companhia Salviati-Da Colle, Michele e o seu irmão, Girolamo, tornam-se funcionários do grande Banco Salviati de Pisa (CARLOMAGNO, Antonio, 2010, *Il banco Salviati di Pisa: commercio e finanza di una compagnia fiorentina tra il 1438 e il 1489*, vol. 1, Dissertação de Doutoramento apresentada à Università degli Studi di Pisa, p. 16, 31, 167).

conhecidos se apenas tivessem sobrevivido os registos das transacções da companhia sediada em Pisa.

### 3. Uma operação de venda de panos de seda (1464-65)

Analisar-se-á, aqui, uma das mais extensas contas de venda de panos de seda, tanto em quantidade como em valor monetário, que se encontra nos registos elaborados em Lisboa<sup>14</sup>. Trata-se de uma cópia de conta enviada por Iacopo da Colle ao seu sócio Giuliano Gondi, de Florença. Os tecidos são vendidos em Lisboa por Iacopo e Michele entre Dezembro de 1464 e Agosto de 1465. O negócio era feito em conjunto: 1/3 pertencia aos Salviati-Da Colle, 1/3 à companhia de Giuliano Gondi e o outro terço a Nerozzo del Nero, um oficial florentino. Ao contrário do grupo Salviati, que só muito tarde entrou na indústria sericícola, a família Gondi, de Florença, tinha construído a sua fortuna com base no *mestiere dell'oro*, isto é, na fabricação de fio de seda revestido a ouro<sup>15</sup>.

Os panos foram entregues em Lisboa por Francesco Giuntini, um parceiro habitual dos Salviati-Da Colle<sup>16</sup>. São registadas, ao longo de dois fólios, 75 operações de venda, correspondentes a um igual número de talhos de tecido. No total, contabilizam-se 1016 côvados<sup>17</sup> de pano, que equivalem a cerca de 670 metros, vendidos a 33 clientes diferentes, por um total de 718 948 reais<sup>18</sup>. Em cada operação de venda, é indicada a quantidade, o tipo de tecido, a sua cor, o cliente, o preço por côvado e o preço total. No final, são ainda anotadas as despesas de transporte da mercadoria, os impostos e os custos de comissão, num total de 160 211 reais, que correspondem a 22,3% do valor da venda dos panos<sup>19</sup>. O trajecto destas sedas é tudo menos directo. De Florença são enviados para Pisa, por via terrestre. De Pisa seguem para o porto de Livorno, onde são carregados a bordo de uma galé da Flandres, que os faz transportar até Cádiz, onde são descarregados. Aí, são novamente embarcados num outro navio, que percorre a costa do Norte de África, aportando em Ceuta. Finalmente, seguem para Setúbal, chegando depois por via terrestre até Lisboa. Uma parte das despesas (43 000 reais) é relativa ao envio dos panos para vários outros lugares do país. O percurso é complexo e nem sempre é fácil de perceber a lógica que lhe subjaz.

### 4. Tipos de tecidos e cores

A lista das 75 operações de venda é relativa a 5 tipos diferentes de tecido (Gráfico 1). Mais de um terço do pano vendido é veludo (*velluto*), um tecido de

<sup>14</sup> Archivio Salviati (SNS), *Serie I- Libri di commercio*, reg. 10, fls. 41-42v.

<sup>15</sup> GOLDTHWAITE, Richard, 1968, *Private Wealth in Renaissance Florence: A Study of Four Families*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press, p. 157-186.

<sup>16</sup> BERTI 1994: *passim*.

<sup>17</sup> 1 côvado = 66 cm, segundo BARROCA, Mário, 1992, “Medidas-padrão medievais portuguesas”, *Revista da Faculdade de Letras – História*, nº 9, p. 55.

<sup>18</sup> O valor não coincide com aquele apresentado no documento (718 528 reais), mas tendo repetido várias vezes os cálculos, concluo que o redactor se terá enganado na soma final.

<sup>19</sup> A comissão de venda é de 2,5 %.

seda trabalhado, com uma superfície de pêlo, formado por duas teias e uma ou duas tramas<sup>20</sup>. Podia ser liso, quando a superfície era uniforme e sem decoração, ou lavrado, o que implicava deixar certas zonas do tecido não cobertas por pêlo<sup>21</sup>.



Gráfico 1 – Tipos de tecidos

Fonte: Archivo Salviati (SNS), *Serie I- Libri di commercio*, reg. 10, fls. 41-42v.

O damasco (*domaschino*), que surge também em grande quantidade, é “constituído pela face teia e pela face trama de um mesmo ponto, tem a particularidade de ser reversível, apresentando numa das faces o fundo opaco e os motivos brilhantes e na outra o fundo brilhante e os motivos opacos”<sup>22</sup>. O *raso*, que em português se designa cetim, é um tecido mais encorpado do que o tafetá e menos do que o veludo, apresentando uma das faces lustrosa<sup>23</sup>. Em menores quantidades, surge-nos o brocado, um pano de seda entretecido a fio de ouro ou prata, formando flores ou desenhos com relevo<sup>24</sup>. Cerca de 15 côvados são relativos a *zetani vellutato*, uma espécie de veludo recortado sobre fundo de

<sup>20</sup> CORDOBA DE LA LLAVE, Ricardo, 1990, *La industria medieval de Córdoba*, Córdoba, Caja Provincial de Ahorros de Cordoba, p. 363.

<sup>21</sup> NAVARRO ESPINACH, Germán, 2004, “El arte de la seda en el Mediterráneo medieval”, *En la España Medieval*, nº. 27, p. 25-26.

<sup>22</sup> COSTA, Manuela Pinto, 2004, “Glossário de termos têxteis e afins”, *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*, III (1ª série), p. 144.

<sup>23</sup> MARTÍNEZ MELÉNDEZ, Maria del Carmen, 1989, *Los nombres de tejidos en castellano medieval*. Granada, Universidad de Granada, p. 325.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 257-258.

cetim, feito com duas teias<sup>25</sup>. Por fim, surge-nos o *vellutato* numa única referência. Desconheço, contudo, o seu significado exacto. Poderá referir-se a um tecido com aparência semelhante à do veludo ou tratar-se apenas de uma gralha do redactor.

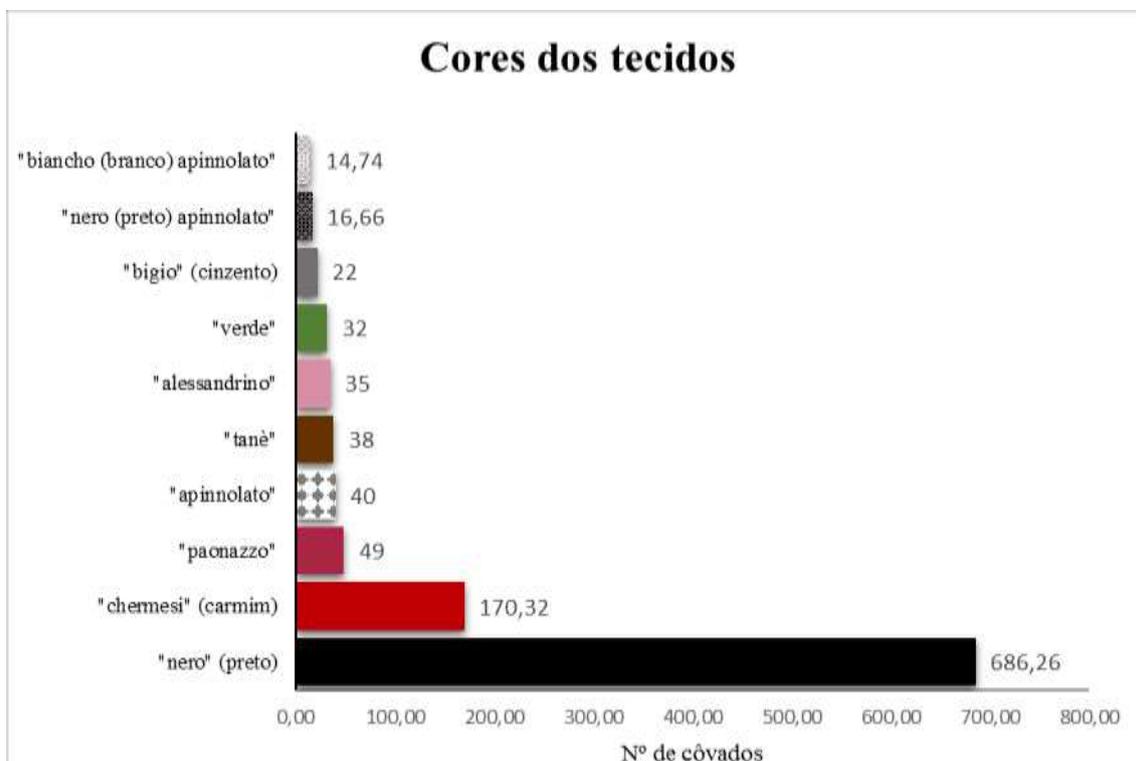


Gráfico 2 – Cores dos tecidos

Fonte: Archivio Salviati (SNS), *Serie I- Libri di commercio*, reg. 10, fls. 41-42v.

Em relação às cores e aos motivos, embora a paleta seja relativamente diversificada, é inegável a preponderância do negro (Gráfico 2). Mais de metade dos tecidos vendidos (51%) são de cor preta. Como veremos, uma boa parte dos clientes são nobres. A escolha de vestes de cor preta é uma tendência da moda das Cortes europeias que se verifica desde os finais do século XIV e que triunfará definitivamente no século XVI.

O preto ajuda a fazer sobressair outras cores mais vivas, como o vermelho, o branco, o roxo ou o dourado<sup>26</sup>. Por outro lado, é uma cor muitas vezes associada à austeridade e à dignidade, sendo por isso utilizado por personagens da Coroa<sup>27</sup>. No retrato que Georg von Ehingen fez de D. Afonso V com cerca de 25 anos, o monarca traja roupa e acessórios apenas de cor preta (gibão, calças, chapeirão e

<sup>25</sup> LASSALLE, Suzanne, 2013, *La filière de la soie à Florence au XVe siècle. Construction d'un outil analytique – ou « chaîne opératoire » - permettant d'intégrer des sources très diverses*, Dissertação de Master 2 de recherche en Sciences Sociales, mention Histoire, spécialité Histoire & Civilisations, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, p. 99-107, 122.

<sup>26</sup> PIPONNIER, Françoise e MANE, Perrine, 2007, *Dress in the Middle Ages*, 3 ed., Londres: Yale University Press, p. 70-76.

<sup>27</sup> PASTOUREAU, Michel, 2008, *Noir: Histoire D'une Couleur*, Paris, Seuil, p. 100-05.

pontilhas)<sup>28</sup>. O rei é um dos clientes dos Da Colle que, em 1464, adquire, entre outras peças, 17,66 côvados de veludo preto. Cinco anos mais tarde, voltaria a comprar mais 15 côvados de veludo preto, dessa vez provenientes de Génova<sup>29</sup>.

Verde e vermelho eram as cores mais populares em Portugal no terceiro quartel do século XV, segundo A. H. de Oliveira Marques<sup>30</sup>. A amostra aqui apresentada corrobora a presença de ambas, embora o carmim, uma variante de vermelho, tenha uma expressão maior (170 côvados em carmim contra apenas 32 em verde). Para os especialistas da arte da seda no século XV, o carmim era considerada a cor mais importante e a mais nobre de todas, sendo obtida através da cochirilha (*porphyrophora polonica*)<sup>31</sup>. Um outro tom da gama dos vermelhos também presente é o *paonazzo*, uma espécie de vermelho arroxeadado, obtido através da mistura de grã (*kermes vermilio*) com urzela (*rocella tinctoria*)<sup>32</sup>. Sendo tradicionalmente associado ao poder, o vermelho era uma cor de eleição da realeza e da nobreza. Segundo Michel Pastoureau, foi a cor mais apreciada na Idade Média<sup>33</sup>. No entanto, no século XVI seria inegável o triunfo do preto sobre o vermelho e o dourado, enquanto símbolo de distinção<sup>34</sup>.

O termo *apinnolato* ora nos surge isoladamente (*broccato apinnolato*), ora associado à cor branca (*domaschino biancho apinnolato*) ou preta (*domaschino nero apinnolato*). Uma vez que tanto brocados como damascos são tecidos com desenhos, é possível que *apinnolato* designe um desenho específico. O vocábulo remete para *pigna* (pinha), o que pode sugerir um desenho composto por tal motivo vegetalista. O *tanè*, que dá cor a 38 côvados de veludo, é uma espécie de castanho, entre o vermelho e o preto, semelhante ao couro<sup>35</sup>. Também associado ao veludo surge-nos o *alessandrino*, que designa um tom rosado, obtido a partir da urzela<sup>36</sup>. Por fim, falta referir o cinzento (*bigio*) que aqui aparece timidamente, muito embora a sua presença seja significativa. Os 22 côvados de veludo cinzento são vendidos a 21 de Dezembro de 1464 a um só cliente: D. Pedro de Aragão, também conhecido como D. Pedro de Coimbra, Condestável de Portugal, filho do infante D. Pedro e de D. Isabel de Urgel. Em 1463, D. Pedro foi proclamado Conde de Barcelona e auto intitulou-se rei de Aragão, razão pela qual surge assim designado no documento (*Dom Piedro d'Aragona*). É importante ter em conta que o cinzento é uma cor reabilitada a partir do século

---

<sup>28</sup> Uma reprodução da imagem pode ver-se em: GOMES, Saul António, 2006, *D. Afonso V*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, imagem 1.

<sup>29</sup> FERREIRA 1983: 127.

<sup>30</sup> MARQUES, A. Henrique de Oliveira, 1987, *A Sociedade Medieval Portuguesa: aspectos de vida quotidiana*, 5ª ed, Lisboa, Sá da Costa Editora, p. 60.

<sup>31</sup> CARDON, Dominique, 2014, *Le monde des teintures naturelles*, nouvelle édition revue et augmentée, Paris, Belin, p. 620.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 599.

<sup>33</sup> PASTOUREAU, Michel, 1997, *Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade*, Lisboa, Editorial Estampa, p. 160-63.

<sup>34</sup> CASADO ALONSO, Hilario, 2008, "Cultura Material y consumo textil en Castilla a fines de la Edad Media", *Pautas de consumo y niveles de vida en e mundo rural medieval*, <http://www.uv.es/consum/casado.pdf>, consultado a 27 de Fevereiro de 2015, p. 30.

<sup>35</sup> *Trecanni.it, L'Enciclopedia italiana*, <http://www.trecanni.it/>, *sub voce*.

<sup>36</sup> LASSALLE 2013 : 86-87.

XV, deixando de ser uma característica exclusiva das classes sociais inferiores ou dos Franciscanos. Passará a ser apreciada por príncipes e reis, surgindo muitas vezes associada a um sentimento de esperança. Os tecidos de melhor qualidade começaram a ser produzidos neste tom e os tintureiros aperfeiçoaram as suas técnicas, tornando-o cada vez mais uniforme e brilhante<sup>37</sup>.

O preço do pano dependia, à partida, de duas características: o tipo e a cor. Vejamos agora que relações se podem estabelecer com a conjugação destas variáveis. Observando a Tabela 1, podemos verificar que o tecido com o preço por côvado mais alto é o brocado. Isto explica-se facilmente pelo facto de ser um pano que inclui filamentos de ouro ou de prata na sua tessitura.

Relações entre tipos de tecidos, cores e preços por côvado							
	Brocado	Veludo	Damasco	Cetim	Vellutato	Zetani vellutato	Variação global
<b>Preto</b>		600-800 r.	450-600 r.	333-500 r.	750 r.	650-700 r.	338-800 r.
<b>Carmim</b>		1100-1200 r.	700-1000 r.	600-752 r.			600-1200 r.
<b>Branco apinnolato</b>			450-600 r.				450-600 r.
<b>Paonazzo</b>		650-700 r.					650-700 r.
<b>Apinnolato</b>	1750 r.						1750 r.
<b>Tanè</b>		650 r.					650 r.
<b>Alessandrino</b>		650-700 r.					650-700 r.
<b>Verde</b>		650-700 r.					650-700 r.
<b>Cinzento</b>		700 r.					700 r.
<b>Preto apinnolato</b>			500 r.				500 r.
<b>Variação global</b>	1750 r.	600-1200 r.	450-1000 r.	333-753 r.	750 r.	650-700 r.	

Tabela 1. Relações entre tipos de tecidos, cores e preços por côvado  
 Fonte: Archivio Salviati (SNS), *Serie I- Libri di commercio*, reg. 10, fls. 41-42v.

Considerando agora apenas os panos que não têm este tipo de acabamento específico, constata-se que o mais caro entre eles é o veludo, um tecido encorpado, e o menos caro é o cetim (*raso*), mais ligeiro. Se observarmos as colunas das cores, verifica-se que todos os tecidos de cor carmim apresentam um preço superior aos tingidos nas outras cores. Assim, o côvado do veludo carmim chega a custar 30 a 50% mais do que o do veludo preto. Do mesmo modo, um côvado de cetim tingindo em carmim equipara-se, em valor, ao côvado do veludo preto. Tomando como base de referência o veludo, que é aquele que apresenta mais diversidade a nível de cores, percebe-se que os preços das várias cores são nivelados, excepção feita ao caso do carmim, como já se referiu. De facto, os

<sup>37</sup> PASTOUREAU 2008 : 106-10.

tintos vermelhos, sobretudo aqueles de origem animal, eram os que apresentavam preço mais elevado na Idade Média, o que fazia com que encarecessem ainda mais os tecidos de luxo<sup>38</sup>. A oscilação de preços observada com base nesta amostra documental coincide em grande parte com aquelas analisadas por Ana Maria Ferreira noutros documentos, nomeadamente o rol manuelino de 1512-1514<sup>39</sup>.

Independentemente das relações entre as diferentes variáveis, há um aspecto inegável: o preço dos panos de seda era altíssimo. Se pensarmos, por exemplo, que entre 1462 e 1471, uma galinha podia custar 5 reais, 1 vara (110 cm) de pano de linho valia 15 reais, um cavalo se comprava por 6000 e um escravo por 7000 ou que um escrivão da câmara ganhava apenas 5533 reais por ano, facilmente se conclui que estes tecidos não estavam ao alcance da maioria da população<sup>40</sup>. No entanto, não era só o preço que impedia o acesso a tais produtos. Existiam também leis sumptuárias que limitavam ou interditavam o seu consumo. Segundo a lei *Pragmática* de 1340, promulgada por Afonso IV, os panos de *solia*, que Oliveira Marques identifica como panos de seda, eram reservados exclusivamente à família real<sup>41</sup>. No entanto, no século seguinte, o seu uso deve ter-se generalizado, ao ritmo das crescentes necessidades de luxo. Nas Cortes de 1459, surgem queixas contra os fidalgos, cavaleiros e escudeiros da Corte que não vestiam senão panos de seda: *e os que nom teem que vender lamçamse a furtar e outros muytos maos husos e desbaratos por cuja causa todos sam pobres e destruídos, e muitas pessoas de vossos Regnos por ello roubados*<sup>42</sup>. Apenas em 1472 o monarca aplicou medidas restritivas: os cavaleiros só poderiam vestir seda de qualidade inferior à dos fidalgos e aos mercadores era-lhes completamente vedado o seu uso<sup>43</sup>. Esta operação de venda de 1464-65 situa-se assim num período de relativa liberdade de práticas vestimentárias.

## 5. Clientes

Vejam agora quem são os clientes que compram esta mercadoria aos agentes da companhia Da Colle. São 33 no total, mas nem todos compram grandes quantidades. Se há quem compre apenas 1/3 de côvado, há também quem compre mais de 75. Os preços podiam, assim, variar de acordo com a quantidade adquirida, com as modalidades de pagamento (a pronto ou a crédito), com o momento da compra (se no início ou no fim da operação), com o preço de origem (que varia de acordo com o fornecedor) e eventualmente com o cliente (consoante a sua relação de maior ou menor proximidade com os mercadores).

<sup>38</sup> CARDON 2014 : 585-642.

<sup>39</sup> FERREIRA 1983 : 127.

<sup>40</sup> Segundo preços recolhidos em FERREIRA, Sérgio, 2014, *Preços, salários e níveis de vida em Portugal na Baixa Idade Média*, Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, *passim*.

<sup>41</sup> MARQUES, A. Henrique de Oliveira, 1980, “A Pragmática de 1340”, in *Ensaio da História Medieval Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Vega, p. 93-119.

<sup>42</sup> LOBO, A. de Sousa Silva Costa, 1984, *História da Sociedade em Portugal no século XV*, 2ª. ed., Lisboa, Edições Rolim, p. 397.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 398.

Nem sempre é fácil identificar as personagens a que se referem os nomes escritos de forma ‘italianizada’, mas foi possível apurar que pelo menos 10 destes 33 clientes pertencem à nobreza.

O primeiro de todos a surgir na lista é o *Signor Re*, o rei D. Afonso V. É ele quem adquire a totalidade do brocado e também alguns côvados de veludo negro, de cetim carmim e de *zetani vellutato* preto. A soma ascende a 970 90 reais, que deveriam ser pagos a crédito ao longo de um ano. O seu irmão, o *Messer Infante* D. Fernando, duque de Viseu, é também um dos clientes da lista e as suas preferências recaem sobre o damasco *apinnolato* e o veludo preto. Há ainda um outro D. Fernando, que no documento surge identificado como *Chonte di Ghimaranes*, então futuro duque de Guimarães e 3º duque de Bragança. Curiosamente, este mesmo D. Fernando, que compra alguns côvados de damasco e um minúsculo pedaço de veludo preto com cerca de 22 centímetros aos mercadores italianos, haveria de criar, precisamente dez anos mais tarde, a sua própria fábrica de sedas em Bragança, na qual se viriam a produzir cetins e veludos<sup>44</sup>. O seu irmão, D. Afonso escolhe talhos de damasco carmim e preto e de veludo verde. A compra é feita a 16 de Janeiro de 1465, no mesmo ano em que lhe é atribuída a alcaidaria-mor de Estremoz e se aprova o seu casamento com D. Maria de Noronha, filha dos condes de Odemira<sup>45</sup>.

Um fidalgo do Norte, Leonel de Lima, que viria a ser o primeiro visconde português, surge amiúde nos registos da companhia. Neste caso em concreto, ele e o seu filho, João de Lima, compram, cada um, 3 côvados de veludo negro. Acontece que Leonel de Lima não era um simples cliente, mas antes um importante parceiro da rede de negócios dos Salviati-Da Colle. O fidalgo possuía vários barcos “fundeados no Douro, em frente ao Porto, com os seus mestres e as suas tripulações”<sup>46</sup>. Para além de integrarem frequentemente a carreira de Ceuta, estes barcos estavam também ao serviço da companhia Da Colle, no transporte de mercadorias entre Livorno e Lisboa. Por exemplo, as 466 libras de grã (*kermes vermilio*) que chegam a Pisa em 1466, são transportadas a bordo do *naviglio di Lionel di Lima*<sup>47</sup>. Estamos pois perante uma personagem que se encaixa na categoria de “cavaleiro-mercador”, tal como a define Vitorino Magalhães Godinho<sup>48</sup>.

Figuram na lista de clientes outras importantes personagens da Corte, como é o caso de Lopo de Almeida, Vedor da Fazenda desde 1445 e membro do

---

<sup>44</sup> SEQUEIRA, Joana, 2014, *O Pano da Terra: Produção Têxtil em Portugal nos finais da Idade Média*, Porto, U. Porto Edições, p. 65-68, 162-164.

<sup>45</sup> CUNHA, Mafalda Soares da, 1990, *Linhagem, Parentesco e Poder: a Casa de Bragança (1384-1483)*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, p. 40.

<sup>46</sup> DUARTE, Luís Miguel, 1996, “Leonel de Lima: o bando e o barco”, *Revista Portuguesa de História*, t. 31, vol. I, p. 390- 91. BARROS, Amândio, 1997, “Barcos e gentes do mar do Porto (séculos XIV-XVI)”, *Revista da Faculdade de Letras-História*, II série, vol. XIV, p. 167-230. Sobre esta personagem, veja-se ainda: MORENO, Humberto Baquero, 1973, *A Batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico*, Lourenço Marques, Universidade de Lourenço Marques, p. 832-37.

<sup>47</sup> Archivio Salviati, *Serie I- Libri di commercio*, reg. 10, fl. 48.

<sup>48</sup> GODINHO, Vitorino Magalhães, 1987, *Os Descobrimentos e Economia Mundial*, 2ª. ed., vol. 1, Lisboa, Editorial Presença, p. 51-62.

Conselho Real desde 1462. Fez parte da comitiva que acompanhou D. Leonor a Itália, por ocasião do seu casamento com Frederico III da Alemanha, e foi agraciado com o título de Dom, em 1476. Mais tarde, receberia o título de Conde de Abrantes. Na qualidade de cavaleiro do Conselho, Lopo dispunha, à data, de uma tença mensal de 4226 reais brancos<sup>49</sup>. O montante que gasta na aquisição de 6 côvados de damasco *apinnolato* (3600 reais) corresponde assim a 85% do valor da sua tença mensal<sup>50</sup>. Nos registos Salviati-Da Colle encontra-se ainda uma breve referência a uma embarcação que lhe pertencia<sup>51</sup>.

Tal como Lopo de Almeida, também João Fernandes da Silveira foi um dos elementos da comitiva de D. Leonor. Doutor em Leis, foi considerado um dos maiores diplomatas portugueses do seu tempo e desempenhou os cargos de Chanceler-mor interino e, mais tarde, os de Escrivão da Puridade, Chanceler-mor e Vedor da Fazenda<sup>52</sup>. É dos últimos clientes da lista e remata 29,5 côvados de damasco branco *apinnolato* pelo preço mais baixo: 450 reais o côvado. No registo da operação, precisa-se que o tecido em causa teria como destino *una sua chapella*. De facto, se a seda era procurada para a indumentária, era-o talvez ainda mais para os ornamentos litúrgicos. Vários paramentos de seda, nomeadamente de origem italiana, dos séculos XV e XVI podem encontrar-se nos museus e nos tesouros das catedrais de Portugal<sup>53</sup>.

Anota-se também a referência a um certo Rui de Melo, mas não é possível perceber se se trata do guarda-mor de D. Afonso V, Conde de Olivença, ou do almirante, cavaleiro da casa do Infante D. Henrique, uma vez que estas personagens homónimas eram ambas vivas à data da operação<sup>54</sup>. Quanto a clérigos, só um registo: o prior do Crato, D. Vasco de Ataíde, que tinha uma relação de proximidade com o monarca<sup>55</sup>. Veludo e cetim de cor preta compõem as suas escolhas.

Iacopo e Michele da Colle adquirem, respectivamente, 3 côvados de veludo preto e 3 de cetim preto para fazerem os seus gibões. Pequenas quantidades de tecido são também vendidas a outros mercadores, como o italiano Giovanni Guidetti, agente da companhia Cambini estante em Lisboa, e Lourenço Caldeira, mercador português originário de Évora, que era um dos principais fornecedores de grã e de couros dos Salviati-Da Colle. A maior parte da aquisição cabe, contudo, a três mercadores judeus: Moisés Latam, Abravanel e Josep. Todos

---

<sup>49</sup> MORENO 1973: 698-705.

<sup>50</sup> Lopo de Almeida dispunha de outros rendimentos provenientes do desempenho do cargo de Vedor da Fazenda e tinha também uma tença anual de 30 000 reais, atribuída aquando do seu casamento com Beatriz da Silva, em 1442 (*Ibidem*, p. 698-705).

<sup>51</sup> BERTI 1994 : 83.

<sup>52</sup> FREITAS, Judite, 1999, *Temos por bem e mandamos: a burocracia régia e os seus oficiais em meados de Quatrocentos: 1439-1460*, vol. II, Dissertação de Doutoramento em História da Idade Média apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 119-128.

<sup>53</sup> Veja-se, a título de exemplo: ALARCÃO, Teresa e CARVALHO, José Alberto, 1993, *Imagens em Paramentos Bordados, séculos XIV a XVI*, Lisboa, Instituto Português de Museus, p. 205-229.

<sup>54</sup> MORENO 1973: 860-866.

<sup>55</sup> Sobre esta personagem veja-se PINTO, Paula, 2000, *A Ordem do Hospital em Portugal: da Idade Média à Modernidade*, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, p. 273-276.

compram grandes quantidades de tecido, de diferentes tipos e cores, cujo destino final seria, muito provavelmente, a revenda.

Moisés Latam pertencia a uma família de ricos mercadores-banqueiros, próxima da Corte nos séculos XIV e XV, que se aliou à alta finança e se lançou no comércio externo<sup>56</sup>. Abravanel, que aqui podemos identificar como Isaac Abravanel, foi uma figura de grande relevo no século XV, tendo-se destacado não só no mundo dos negócios, mas também no intelectual<sup>57</sup>. Estes dois mercadores, juntamente com Guedelha Palaçano, foram os judeus que com maior parcela contribuíram no empréstimo ao monarca para a guerra com Castela, em 1473. A soma emprestada por estes três indivíduos foi superior àquela suportada pelo total dos cristãos de Lisboa, o que demonstra o seu elevado poder financeiro<sup>58</sup>. De Josep não conhecemos o patronímico, mas é curioso notar que Iacopo e Michele o referem como *Iosep amicho judeo*. Se bem que a utilização do termo *amicho* para qualificar um parceiro comercial não seja uma prática rara nos registos de contabilidade toscanos, é inegável que a expressão é reveladora da existência de relações de fidelidade e de confiança; facto que assume especial importância no caso das parcerias com judeus. Segundo Maria José Ferro Tavares, inicialmente os sefarditas não viam com bons olhos o poder e a condição privilegiada dos mercadores italianos no reino português, mas rapidamente perceberam que aliar-se a eles só lhes traria vantagens<sup>59</sup>. Para os italianos, a parceria com judeus permitia-lhes aceder aos circuitos comerciais internos, que de outro modo dificilmente alcançariam, até porque uma boa parte da produção e do comércio locais estava nas mãos da comunidade judaica<sup>60</sup>. Em 1454, os mercadores ingleses diziam que os judeus eram os principais compradores de panos e queixavam-se de que eles não eram céleres a saldar as suas dívidas<sup>61</sup>. Seja como for, os Salviati-Da Colle fazem a venda a crédito tanto a Moisés, como a Isaac ou a Josep. De todos os outros clientes, só o rei goza do mesmo privilégio. Convém ainda ressaltar que não estamos a falar de um crédito de curto prazo, mas sim de um crédito de duração de um ano, com todos os riscos que isso implicava.

Se atentarmos na tabela dos cinco principais clientes desta remessa de panos de seda (Tabela 2), que incluem dois membros da Família Real e três mercadores

---

<sup>56</sup> MUCZNIK, Lúcia Liba, TAVIM, José Alberto, MUCZNIK, Esther, MEA, Elvira Cunha de Azevedo (dir.), 2009, *Dicionário do judaísmo português*, Lisboa, Editorial Presença, 2009, *sub voce*.

<sup>57</sup> Uma breve biografia desta personagem acha-se em *Ibidem*, *sub voce*. Veja-se ainda a obra recentemente traduzida: NETANYAHU, Benzion, 2013, *Dom Isaac Abravanel, Estadista e Filósofo*, Lisboa, Rede de Judiarias e Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste».

<sup>58</sup> TAVARES, Maria José Ferro, 1982, *Os Judeus em Portugal no século XV*, vol. 1, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, p. 182-83.

<sup>59</sup> TAVARES, Maria José Ferro, 2012, “Das sociedades comerciais de judeus e italianos às sociedades familiares de cristãos novos. Exemplos”, in ALESSANDRINI, Nunziatella, RUSSO, Mariagrazia, SABATINI, Gaetano, VIOLA, Antonella (orgs.), *Di buon affetto e commercio. Relações luso-italianas na Idade Moderna*, Lisboa, CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores, p. 24.

<sup>60</sup> Sobre o papel dos judeus na actividade mercantil, veja-se TAVARES 1982: 279-300.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 296.

judeus, percebemos que as posições variam conforme se tenha em consideração a quantidade de tecido ou o seu valor monetário.

<b>Cinco principais clientes</b>	
<i>Por quantidade de tecido comprada (%)</i>	<i>Por valor pago (%)</i>
<b>1º</b> Moisés Latam, judeu [31,5%]	<b>1º</b> Moisés Latam, judeu [29,3%]
<b>2º</b> Josep, judeu [22,7%]	<b>2º</b> Josep, judeu [22,4%]
<b>3º</b> Abravanel, judeu [11,5%]	<b>3º</b> Rei D. Afonso V [12, 4%]
<b>4º</b> D. Pedro de Aragão [10,8%]	<b>4º</b> D. Pedro de Aragão [11,5%]
<b>5º</b> Rei D. Afonso V [6,4%]	<b>5º</b> Abravanel, judeu [9,8%]

Tabela 2. Cinco principais clientes

Fonte: Archivio Salviati (SNS), *Serie I- Libri di commercio*, reg. 10, fls. 41-42v.

Assim, por exemplo, o monarca compra apenas 6,4% do total de côvados, o que, em termos de capital, representa praticamente o dobro (12,4%); tal explica-se pelo facto de o tecido adquirido (brocado) ser aquele que apresenta o preço por côvado mais elevado de todos. No entanto, o que me parece mais importante reter desta tabela é que os três mercadores judeus, que correspondem a menos de 10% do total de clientes, compram bem mais do que a metade dos tecidos (65,7% da quantidade, equivalentes a 61,5% do capital). Fica assim evidente que o sucesso desta operação de venda depende directamente das parcerias estabelecidas com os negociantes de origem sefardita, o que nos deve levar a reflectir sobre os mecanismos de acção comercial utilizados pelos italianos na praça lisboeta quatrocentista.

## 6. Conclusões

Apesar de estarmos perante uma fonte que, pela sua limitação cronológica, é necessariamente contingente, considero que as informações detalhadas que dela se puderam extrair lançam algumas pistas de reflexão, que permitem confirmar certas premissas e avançar algumas interpretações. Em primeiro lugar, confirma-se a ideia de que Portugal funciona claramente como um importante mercado de escoamento das manufacturas sericícolas italianas. Esse mercado é alimentado por uma alta e média nobreza, apreciadora de tecidos de luxo e detentora de um poder financeiro capaz de suportar esse tipo de consumos; poder que advém, algumas vezes, do envolvimento dos fidalgos na empresa expansionista.

A amostra, ainda que pequena, demonstra uma preferência vincada pelos tecidos de cor preta por parte dos membros da Família Real e da Corte, o que corrobora a tese, defendida por alguns autores, de que a Península Ibérica é um dos espaços onde esta tendência se observa com maior intensidade<sup>62</sup>. Por outro lado, o facto de vermos os agentes da companhia a venderem directamente os tecidos ao rei, aos seus familiares e a vários nobres, é reveladora da proximidade e do prestígio que os mesmos alcançaram no seio da Corte portuguesa e do

<sup>62</sup> Veja-se, por todos, PASTOUREAU, Michel, 2008: 103.

relativo destaque que assumiam em relação a outros mercadores seus compatriotas. Segundo a lei, os mercadores estrangeiros estavam interditos de fazer vendas a retalho, privilégio que era reservado aos comerciantes do reino. Ao longo dos tempos, as infracções multiplicaram-se e, por vezes, o rei concedia o privilégio de venda a retalho a certos estrangeiros. Foi precisamente a partir de 1460 que estas licenças especiais aumentaram<sup>63</sup>. Se Iacopo e Michele obtiveram uma, tal atesta as suas importantes influências e capacidades de negociação com as autoridades.

Por fim, é importante precisar que este comércio se sustenta em grande parte em função das parcerias criadas com importantes mercadores judeus, baseadas sobre relações de confiança. Confiança essa que é visível na adopção do crédito a longo prazo como instrumento negocial. São estes mecanismos de cooperação estabelecidos entre as macro-redes mercantis italianas e as micro-redes locais que explicam o sucesso continuado das empresas italianas em Portugal ao longo dos séculos.

\* \* \*

## Fontes e Bibliografia

### 1. Fontes

Archivio Salviati (Scuola Normale Superiore di Pisa), *Serie I-Libri di Commercio*, regs. 7, 10, 22.

### 2. Bibliografia

- ALARCÃO, Teresa e CARVALHO, José Alberto, 1993, *Imagens em Paramentos Bordados, séculos XIV a XVI*, Lisboa, Instituto Português de Museus.
- ALESSANDRINI, Nunziatella, 2003, “A comunidade florentina em Lisboa (1481-1557)”, *Clio*, Nova série, vol. IX, p. 63-86.
- BARROCA, Mário, 1992, “Medidas-padrão medievais portuguesas”, *Revista da Faculdade de Letras – História*, nº. 9, p. 53-86.
- BARROS, Amândio, 1997, “Barcos e gentes do mar do Porto (séculos XIV-XVI)”, *Revista da Faculdade de Letras-História*, II série, vol. XIV, p. 167-230.
- BERTI, Marcello, 1994, “Le aziende Da Colle: una finestra sulle relazioni commerciali tra la Toscana ed il Portogallo a metà del quattrocento”, in *Toscana e Portogallo: miscellanea storica nel 650° anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Pisa, Edizioni ETS, p. 57-106.
- CARDON, Dominique, 2014, *Le monde des teintures naturelles*, nouvelle édition revue et augmentée, Paris, Belin.

---

<sup>63</sup> FERREIRA 1983: 74-80.

- CARLOMAGNO, Antonio, 2010, *Il banco Salviati di Pisa: commercio e finanza di una compagnia fiorentina tra il 1438 e il 1489*, vol. 1, Dissertação de Doutoramento apresentada à Università degli Studi di Pisa.
- CASADO ALONSO, Hilario, 2008, “Cultura Material y consumo textil en Castilla a fines de la Edad Media”, *Pautas de consumo y niveles de vida en e mundo rural medieval*, <http://www.uv.es/consum/casado.pdf>, consultado a 27 de Fevereiro de 2015.
- CÓRDOBA DE LA LLAVE, Ricardo, 1990, *La industria medieval de Córdoba*, Córdoba, Caja Provincial de Ahorros de Cordoba.
- COSTA, Manuela Pinto, 2004, “Glossário de termos têxteis e afins”, *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*, III (1ª série), p. 137-161.
- CUNHA, Mafalda Soares da, 1990, *Linhagem, Parentesco e Poder: a Casa de Bragança (1384-1483)*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança.
- D'ARIENZO, Luisa, 2003, *La presenza degli italiani in Portogallo al tempo di Colombo*, Roma, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, p. 509-590.
- DUARTE, Luís Miguel, 1996, “Leonel de Lima: o bando e o barco”, *Revista Portuguesa de História*, t. 31, vol. I, p. 371-392.
- FERREIRA, Ana Maria, 1983, *A importação e o comércio têxtil em Portugal no século XV (1385 a 1481)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- FERREIRA, Sérgio, 2014, *Preços, salários e níveis de vida em Portugal na Baixa Idade Média*, Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
- FREITAS, Judite, 1999, *Temos por bem e mandamos: a burocracia régia e os seus oficiais em meados de Quatrocentos: 1439-1460*, vol. II, Dissertação de Doutoramento em História da Idade Média apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, 1987, *Os Descobrimentos e Economia Mundial*, 2ª. ed., vol. 1, Lisboa, Editorial Presença.
- GOLDTHWAITE, Richard, 1968, *Private Wealth in Renaissance Florence: A Study of Four Families*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press.
- GOMES, Saul António, 2006, *D. Afonso V*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores.
- LASSALLE, Suzanne, 2013, *La filière de la soie à Florence au XVe siècle. Construction d'un outil analytique – ou « chaîne opératoire » - permettant d'intégrer des sources très diverses*, Dissertação de Master 2 de recherche en Sciences Sociales, mention Histoire, spécialité Histoire & Civilisations, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.
- LOBO, A. de Sousa Silva Costa, 1984, *História da Sociedade em Portugal no século XV*, 2ª. ed., Lisboa, Edições Rolim.
- MARQUES, A. Henrique de Oliveira, 1980, “A Pragmática de 1340”, in *Ensaio da História Medieval Portuguesa*, 2ª. ed., Lisboa, Editorial Vega, p. 93-119.
- MARQUES, A. Henrique de Oliveira, 1987, *A Sociedade Medieval Portuguesa: aspectos de vida quotidiana*, 5.ª ed., Lisboa, Sá da Costa Editora.
- MARTÍNEZ MELÉNDEZ, Maria del Carmen, 1989, *Los nombres de tejidos en castellano medieval*. Granada, Universidad de Granada, p. 325.

- MORENO, Humberto Baquero, 1973, *A Batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico*, Lourenço Marques, Universidade de Lourenço Marques.
- MUCZNIK, Lúcia Liba, TAVIM, José Alberto, MUCZNIK, Esther, MEA, Elvira Cunha de Azevedo (dir.), 2009, *Dicionário do judaísmo português*, Lisboa, Editorial Presença.
- NAVARRO ESPINACH, Germán, 2004, “El arte de la seda en el Mediterráneo medieval”, *En la España Medieval*, nº. 27, p. 5-51.
- NETANYAHU, Benzion, 2013, *Dom Isaac Abravanel, Estadista e Filósofo*, Lisboa, Rede de Judiarias e Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste».
- PASTOUREAU, Michel, 2008, *Noir: Histoire D'une Couleur*, Paris, Seuil.
- PASTOUREAU, Michel, 1997, *Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade*, Lisboa, Editorial Estampa.
- PINTO, Paula, 2000, *A Ordem do Hospital em Portugal: da Idade Média à Modernidade*, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida.
- PIPONNIER, Françoise e MANE, Perrine, 2007, *Dress in the Middle Ages*, 3 ed., Londres: Yale University Press.
- RAU, Virgínia, 1962-63, “Cartas de Lisboa no Arquivo Datini de Prato”, *Estudos Italianos em Portugal*, nº 21-22, p. 3-13.
- SEQUEIRA, Joana, 2014, *O Pano da Terra: Produção Têxtil em Portugal nos finais da Idade Média*, Porto, U. Porto Edições.
- TAVARES, Maria José Ferro, 1982, *Os Judeus em Portugal no século XV*, vol. 1, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- TAVARES, Maria José Ferro, 2012, “Das sociedades comerciais de judeus e italianos às sociedades familiares de cristãos novos. Exemplos”, in ALESSANDRINI, Nunziatella, RUSSO, Mariagrazia, SABATINI, Gaetano, VIOLA, Antonella (orgs.), *Di buon affetto e commercio. Relações luso-italianas na Idade Moderna*, Lisboa, CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores, p. 21-40.
- TOGNETTI, Sergio, 1999, *Il Banco Cambini. Affari e mercati di una compagnia mercantile-bancaria nella Firenze del XV secolo*, Florença, Leo S. Olschki Editore.
- TOGNETTI, Sergio, 2013, *I Gondi di Lione. Una banca d'affari fiorentina nella Francia del primo Cinquecento*, Florença, Leo S. Olschki Editore.
- Treccani.it, L'Enciclopedia italiana*, <http://www.treccani.it/>